UMA ESCRITA DE NOVOS (RE)COMEÇOS POR MUNDOS PERCORRIDOS

Cláudia Patrícia Nunes Almeida[1]
Angélica Vier Munhoz[2]
Fabiane Olegário[3]

Lajeado, 28 de março de 2024

Queridos/as leitores/as,

A vida que faz morada em meu corpo saúda a vida que faz morada em vossos corpos. Peço licença a todos(as) para eu entrar e sair de vossos territórios: lares, terras, jornadas, e assim iniciar nossa conversa.

A cidade está fervendo com o feriado de Páscoa. Muitos moradores já desceram para Porto Alegre, outros estão indo para a rodoviária de Lajeado em busca de passagens para outros destinos. Daqui a pouco irei para a rodoviária também. O Sol tomou conta da manhã, mas o vento frio do Sul não passa despercebido, ele acabou de entrar pela janela sem pedir licença. Ele é o dono do lugar, não precisa pedir passagem. Sou obrigada a vestir um casaco para recebê-lo adequadamente. Agora sim. Estou pronta para tê-lo como companhia também.

A mesa do café da manhã está posta na cozinha da pensão de Dona Tereza. Tomo um café com um pedaço de cuca de coco, ela está uma delícia. O quintal está cheio de maracujá e jerimum. Mel, a cachorrinha de estimação de dona Tereza, brinca entre as folhas das plantas e Nina, a gatinha, come ração na cozinha.

Olho para a serração e me dou conta que hoje é meu último dia na cidade de Lajeado, pois ontem foi o dia da defesa de minha tese de doutorado. Gostaria de levar comigo, em minhas memórias, tudo que vivi por essas bandas de cá do Rio Grande do Sul. Seis anos como estudante no PPG em Ensino se passaram. Durante esses anos, experienciei muitos atravessamentos de afetos, que hoje fazem parte de mim e integram o meu ser. Seis anos de (re)encontros entre culturas diversas, que atravessam o Brasil e o mundo. Juntos, eu e meus colegas de estudos dialogamos sobre ensino e educação em espaços escolares e não escolares. Seis anos de leituras. Seis anos de escritas e (re)escritas de dissertação e tese. Mas, sobretudo, seis anos de acontecimentos, bons encontros e conversas.

Antes de iniciar nossa conversa a respeito de minha jornada no PPG em Ensino, nesse longo período que abarcou dois anos de mestrado (2018 a 2020) e quatro anos de doutorado (2020 a 2024), gostaria de me apresentar a vocês e falar um pouco do lugar de onde venho. Sou filha da região norte do Brasil, nascida na Amazônia Brasileira, no estado do Amapá, Macapá, terras indígenas Tucuju, Karipuna, Palikur, Waiãpi, Tiriyó, Aparai,

1 Doutoranda em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari - Univates, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP. E-mail: claudia.almeida@ifap.edu.br

2 Doutora em Educação pela UFRGS, docente dos cursos de Pedagogia e de Letras e do Programa de Pós-graduação em Ensino na Universidade do Vale do Taquari - Univates. E-mail: angelicamunhoz@univates.br

3 Doutora em Educação pela UFRGS, docente e coordenadora dos cursos de Pedagogia e de Letras e do Programa de Pós-graduação em Ensino na Universidade do Vale do Taquari - Univates. E-mail: fabiole@univates.br

Wayana, Galibi Marwono, Zo'é, Katxuyana. Pertenço ao povo Tupanaquêra/Itaquera/PA, terras marajoaras. A ancestralidade de meu povo indígena e de meu povo ribeirinho caminha comigo desde o ventre de minha mãe. Logo, os arquivos e os artefatos dos saberes culturais dos povos que habitam em mim fazem parte do meu processo de formação humana e profissional há muito tempo.

Daí que a minha pesquisa de mestrado versou a respeito do multiculturalismo presente nos saberes do Ciclo do Marabaixo, e teve como título*: Uma reflexão sobre o currículo ao rufar dos tambores do multiculturalismo presente no Ciclo do Marabaixo*[4]. Já a pesquisa de doutorado tratou da potência desse arquivo para as práticas curriculares no Instituto Federal do Amapá – *campus* Santana, e se intitulou: *Um inventário Arquivístico do Ciclo do Marabaixo: vestígios de resistência da cultura afro-amapaense*. Neste breve texto, apresentarei a vocês a minha tese, uma vez que ela marca o (re)começo de uma nova jornada de minha existência como forma de vida na mãe terra – a de primeira doutora da minha família e de minha etnia Itaquera. Esse evento é muito importante para todos nós indígenas, pois todos os dias resistimos ao preconceito e à tentativa de pagamento da nossa história e da nossa memória humana. Resistir a toda e qualquer forma de nos apagar é o nosso mantra diário.

Quando me tornei professora, a ausência dos artefatos culturais dos saberes dos povos da Amazônia no espaço escolar me provocou uma inquietação. Embora essa inquietação já caminhasse comigo desde criança, ela se acentuou ainda mais quando me tornei adulta e profissional da educação. Não entendia o porquê da nossa cultura não ocupar espaços como a escola dentro da nossa própria terra: o Amapá.

Então, por essa razão, fiz dos arquivos culturais indígenas e afro, em especial os arquivos do Ciclo do Marabaixo, cultura afro-amapaense, minha fonte de pesquisa do doutorado, com o objetivo de dar visibilidade a essa massa documental e torná-la uma fonte de estudos no Instituto Federal do Amapá – *campus* Santana, em especial nos cursos do Ensino Médio Integrado, onde atuo como professora. Dessa forma, a pesquisa apresentou a seguinte problemática: de que modo a produção e a reapropriação de arquivos dos saberes do ciclo do Marabaixo poderia colaborar para práticas curriculares do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Amapá – *campus* Santana, no que tange à valorização, preservação e reconhecimento da cultura afro-amapaense?

No procedimento de escrita da tese, optei por escrever cartas com teor literário, sem deixar o rigor conceitual que uma pesquisa exige. Escrever de forma literária é uma prática que tem me acompanhado desde muito cedo, pois, quando criança, a poesia e as narrativas indígenas eram faladas para mim e meus parentes em rodas de conversas ou embaixo de mosqueteiros ou no embalar das redes. A literatura sempre me "mundiou" os sentidos, por isso, vocês encontrarão em minha tese a literatura envolvida com o mundo acadêmico, em forma de carta dirigida aos leitores, cujo tema versa em torno dos arquivos do Ciclo do Marabaixo.

Michel Foucault foi o pensador que mais me acompanhou nesse processo de doutoramento. Os seus estudos sobre arquivo, e também de seus comentadores, foram o aporte teórico-metodológico da tese. Para Foucault (2008), o arquivo se caracteriza como um conjunto de regras que permite o aparecimento, a ativação e o apagamento de discursos, cujos ecos prolongam-se até o presente. Mas o percurso de estudos para me aproximar de tais referenciais foi longo e árduo. Lembro-me de minha chegada nos estudos do doutorado e os meus primeiros passos em minha jornada de escrita da tese, antecedidos

4 Link de acesso: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/

pelos primeiros encontros com o Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento, mais especificamente com o GT-2 – arquivo, docência e criação, o qual me introduziu nos estudos de arquivo. Devo dizer que me sentia como "um manuscrito vazio de vestígios". Logo vieram as indagações: Como preencher tais folhas? O que estudar? O que ler? O que escrever? O que fazer? Era o início de um novo ciclo de minha vida. Mas, como diz Farge, uma resposta era certa: "O ruído de papéis é monótono, [...]" (Farge, 2017, p. 11), sobretudo quando nos vemos perdidos diante de tantos conceitos e ideias, sem, por vezes, conseguirmos compreendê-las.

Meu caderno de anotações monocolor, branco estava ali diante de mim. A caneta não delineava o esboço de nenhuma palavra, a cor e os vestígios de tinta não preenchiam o vazio de meus manuscritos inexistentes. Essa inércia das cores me incomodou durante um bom tempo, e a ansiedade tomava conta de mim. Ela, a ansiedade, que tudo assola, quando os papéis estão em branco e os ponteiros do relógio não repousam no tempo. E foi o tempo que me acompanhou durante toda a pesquisa. Os arquivos povoam os tempos.

Assim, depois de muito labor investigativo e de leituras, os papéis, antes monocolores, sem vestígios, agora se constituem como fontes de arquivos. O arquivo é resistência. O arquivo é sobrevivência. O arquivo é acontecimento. O arquivo é produção de fontes. O arquivo é a produção de nossas experiências deflagradas por meio das imagens, escritas, narrativas, outros artefatos que criamos, recriamos, produzimos, reproduzimos. A imagem arde em toda a sua força/potência que a evidencia como conhecimento de um teor histórico. É essa característica que possibilita a (des)montagem e a (re)montagem da imagem para, assim, (re)constituir-se como arquivo, pois enquanto a imagem arde, "o arquivo é cinza", como salienta Didi-Huberman (2012).

Mas o trabalho com o arquivo não se esgota somente em conhecer fontes documentais ou acontecimentos até então desconhecidos, mas implica num trabalho criador dos arquivos feitos por outros. É nesse sentido que a pesquisa arquivística também é um trabalho de experimentação, de curadoria feita pela mão do arquivista. O arquivista separa fontes, junta partes, faz as fontes circularem, dispõe montagens e remontagens de uma massa discursiva, mostra os bastidores do trabalho arquivístico. Foi a partir desse mote que busquei desenvolver esta pesquisa. Para isso, criei três procedimentos arquivísticos: a) o rastreamento de dissertações e teses no Portal da Capes, para entender o que já havia sido produzido sobre o Ciclo do Marabaixo e de que modo o que havia sido produzido enquanto texto acadêmico trazia relações entre esse movimento cultural do Marabaixo e o ensino ou o currículo da região do Amapá; b) a organização de encontros com um grupo de professores do Ensino Médio Integrado do IFAP, por meio de rodas de conversas, exposição, escrita de cartas acerca dos saberes do Ciclo do Marabaixo, a fim de buscar compreender os conhecimentos que esses professores tinham sobre esse movimento cultural da região, assim como compartilhar com eles essa cultura local; c) a produção de um arquivo sobre o Ciclo do Marabaixo, a partir do trabalho de pesquisa, rastreamento, montagem e remontagem de fontes documentais que foram catalogadas em quatro categorias: arquivo fotográfico, portfólios dos Grupos de Marabaixo, letras dos ladrões do Marabaixo e receitas da cultura do Marabaixo.

Em relação aos encontros com o grupo de professores, segundo procedimento arquivístico dessa pesquisa, preparei um roteiro com rodas de conversas e oficinas, que ocorreram no Instituto Federal do Amapá – *campus* Santana, e contou com a presença de todo o corpo docente, composto por 45 professores, do Ensino Médio Integrado, do Instituto Federal do Amapá.

Meus amigos pássaros deram-me a ideia de, no primeiro momento, escrever uma carta-convite para os professores e, assim, convidá-los para uma roda de conversa sobre cultura e os saberes do Ciclo do Marabaixo. Com o aceite dos professores, foram realizados dois encontros, nos dias 01 e 02 de agosto de 2022, nos quais a cultura afro-amapaense e a cultura indígena, ribeirinha e cabocla foram colocadas em evidência.

Assim, no dia que antecedia os encontros, dia 30 de julho, preparei as tintas de urukum e jenipapo para fazermos os grafismos indígenas na oficina. A tinta do jenipapo precisa ser feita com 2 dias de antecedência das pinturas corporais ou grafismos, para poder apurar e ficar bem preto o grafismo. Já para a tinta de urukum, basta tirar as sementes do fruto e colocar um pouco de água ou óleo de andiroba, por exemplo. Ao final, preparei um vídeo[5] explicando passo a passo a feitura da tinta do jenipapo. Também compartilho com vocês algumas fotos da preparação desses encontros com os professores.

Foto 1 – Preparação dos encontros – Árvore e semente de urukum e o fruto – Tinta para os grafismos indígenas.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

5 Vídeo disponível em: https://drive.google.com/file/d/1o5ACXBEaCR-reevrWHBvtxW0EamwItqV/view?usp=drive_link.

Foto 2 – Preparação dos encontros – Jenipapo – Tinta para os grafismos indígenas.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)[6].

Foto 3 – Oficina e roda de conversa – Ciclo do Marabaixo – professoras e professores tocando e dançando o Marabaixo.



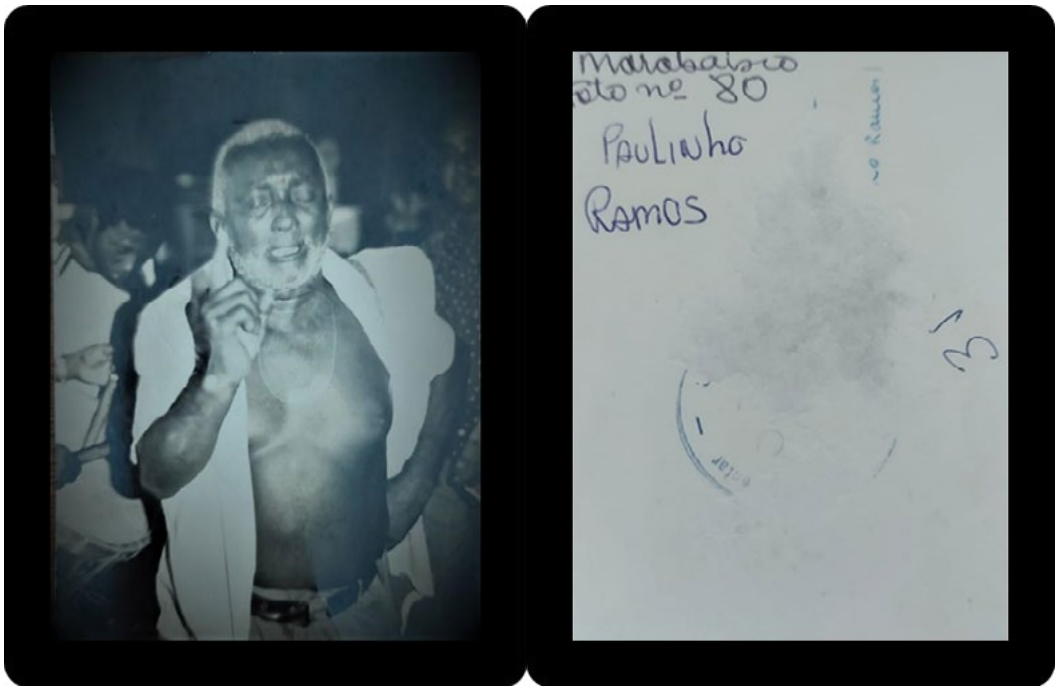
Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

O terceiro procedimento, como já mencionado, foi a produção de um novo arquivo sobre o Ciclo do Marabaixo. Para isso, foram rastreados, selecionados e arquivados quatro tipos de fontes documentais: as letras dos Ladrões de Marabaixo, as receitas feitas e

6 Vídeo com explicações acerca do processo: https://drive.google.com/file/d/1o5ACXBEaCR-reevrWHBvtxW0EamwItqV/view

servidas durante o evento do Ciclo do Marabaixo, as fotografias dos períodos da década de 1980 a 1990, e os portfólios artísticos dos Grupos de Marabaixo do estado do Amapá que hoje atuam no cenário Amapaense. A exemplo, podemos ver duas fotos da produção do arquivo fotográfico da referida década, uma foto dos portfólios artísticos de um dos grupos de Marabaixo, uma foto das letras do Ladrão de Marabaixo e uma foto de receita que era servida no Ciclo do Marabaixo.

Foto 4 – Mestre Paulinho Ramos – Dançando no ritmo das caixas de Marabaixo.



Fonte: MIS-SECULT-AP (2023).

Foto 5 – Natalina Costa – Mestra e liderança do grupo de Marabaixo do Berço do Marabaixo da Favela.



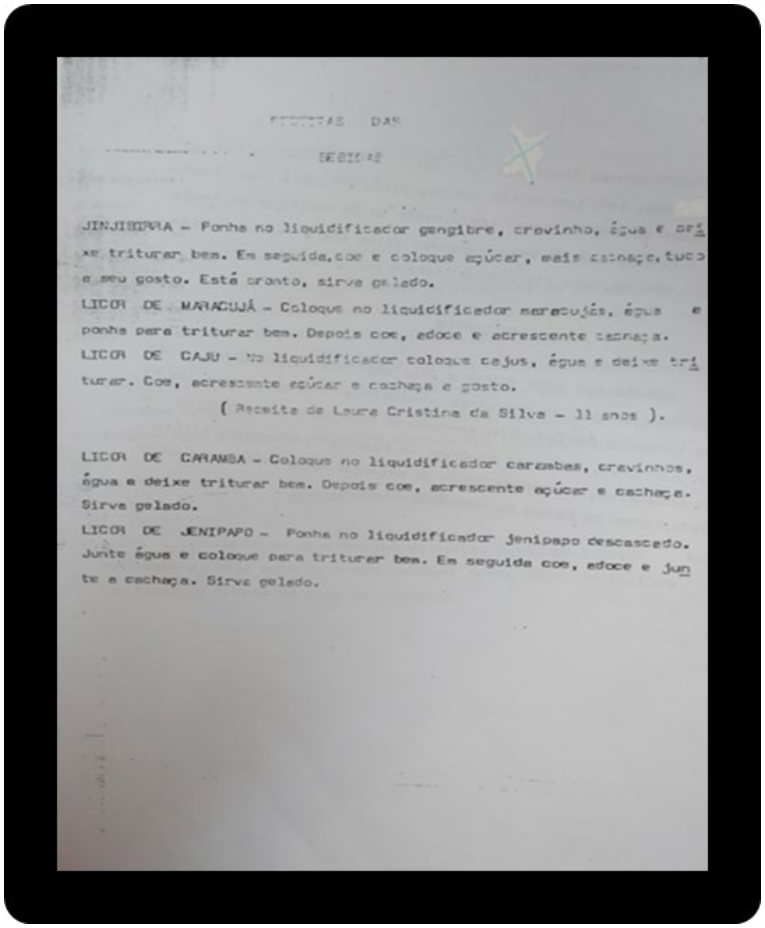
Fonte: MIS-SECULT-AP (2023).

Foto 6 – Portfólio artístico – Grupo de Marabaixo dançando o Marabaixo.



Fonte: FUMCULT (2023).

Foto 7 – Receita – Sabores e cheiros do Marabaixo.



BEBIDAS

JINJIBIRRA – Ponha no liquidificador gengibre, cravinho, água e ori
xe triturar bem. Em seguida,coe e coloque açúcar, mais cachaça,tudo
a seu gosto. Está pronto, sirva gelado.

LICOR DE MARACUJÁ – Coloque no liquidificador maracujás, água e
ponha para triturar bem. Depois coe, adoce e acrescente cachaça.

LICOR DE CAJU – No liquidificador coloque cajus, água e deixe tri
turar. Coe, acrescente açúcar e cachaça a gosto.

(Receita de Laura Cristina da Silva – 11 anos).

LICOR DE CARAMBA – Coloque no liquidificador carambas, cravinhos,
água e deixe triturar bem. Depois coe, acrescente açúcar e cachaça.
Sirva gelado.

LICOR DE JENIPAPO – Ponha no liquidificador jenipapo descascado.
Junte água e coloque para triturar bem. Em seguida coe, adoce e jun
te a cachaça. Sirva gelado.

Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Operar com o arquivo dos Saberes do Marabaixo e colocar em movimento as fontes encontradas me aproximou de acontecimentos que até então eram desconhecidos para mim, a exemplo dos rostos dos primeiros mestres e mestras do Marabaixo, das letras de Ladrões de Marabaixo e dos Grupos de Marabaixo existentes.

Dar visibilidade aos arquivos dos saberes do Ciclo do Marabaixo e problematizar a sua inserção nos currículos escolares ou, no caso específico da pesquisa, no currículo do Instituto Federal do Amapá – *campus* Santana, era o propósito dessa pesquisa. Quero lembrá-los de que os procedimentos de montagem e remontagem desse arquivo foram, por si só, um exercício de busca de valorização, preservação e reconhecimento da cultura Afroamapense, pois, a cada achado, uma história recomeçava a ser recontada.

Sem nenhuma certeza, paira em mim a esperança de que essas práticas culturais possam, algum dia, adentrar os currículos escolares, quiçá o currículo do ensino médio integrado da instituição aqui pesquisada.

Por fim, caros(as) leitores(as), o que ainda posso dizer é que trabalhar com arquivo implica um posicionamento diante do próprio tempo com um gesto de curiosidade. Curiosidade pela história que nos atravessa, reafirmando o quanto o tempo é senhor de si. Talvez o arquivo nos ensine a viver o nosso tempo.

Despeço de vocês, meus queridos(as) leitores(as), com um até breve. Quem sabe não regresso ao Rio Grande do Sul para novos (re)começos de jornadas de estudos.

Forte abraço.

Referências

FARGE, Arlette. **O sabor de arquivo**. Tradução Fátima Murad. São Paulo: USP, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

HUBERMAN, Georges Didi. Quando as imagens tocam o real. Tradução Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. **Pós-Belo Horizonte**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012.